



A Rara Gaivota

Povo Buryat – Rússia, Mongólia e China

Há muito, muito tempo, havia um velho chamado Shono, que vivia em uma iurta coberta de feltro nas margens do Lago Baikal. Num dia de outono, depois que uma terrível tempestade o manteve confinado em sua iurta por vários dias, ele ouviu um grasnado penetrante vindo do céu. Saindo, ele virou a cabeça para um lado e para o outro até que finalmente localizou a fonte dos incomuns grasnados. Era uma gaivota estranha, uma espécie que ele nunca tinha visto no lago Baikal, emitindo um canto triste e angustiado.

Naquele ano, o outono estava extraordinariamente frio e cinzento, de modo que os pássaros comuns do Baikal partiram mais cedo do que o normal em sua migração anual para o sul. Mas a gaivota era extraordinariamente grande para o lago e ele imaginou que a tempestade, com seus fortes ventos, poderia tê-la trazido do distante Oceano Ártico.

Mas por que estava grasnando tão lamentavelmente? O coração de Shono estava partido, mesmo que ele estivesse acostumado a ver animais em agonia toda vez que ele caçava para seu sustento.

A rara gaivota deve ter sido incapaz de voltar ao Oceano Ártico, com mais de 1.400 milhas de floresta e terra árida que a separava e ainda tendo que enfrentar fortes ventos contrários. Tornou-se assim apenas mais um habitante da paisagem costeira do Lago Sagrado. No entanto, a ave devia

sentir saudades de seu oceano e do gelo perpétuo do Ártico, pois grasnava constantemente, dia e noite, com gritos angustiados de desespero. Talvez tivesse perdido seu bando e seus entes queridos. Era assim que todos os habitantes da área pensavam, fossem eles famílias de pescadores do Lago Sagrado ou caçadores da taiga como Shono. A questão é que todos sentiam uma profunda tristeza ao ouvirem a Rara Gaivota, como passaram a chamá-la.

Até os xamãs eventualmente vieram ver essa ave exótica, que era maior do que qualquer gaivota que eles conheciam e com quem lidavam nos mundos espirituais. Alguns deles disseram que devia ser um espírito maligno ou uma alma atormentada; em todo caso, um mau presságio anunciando infortúnios ou calamidades futuras. Os xamãs certamente tinham medo disso.

Chegou o dia em que Shono observou a gaivota tentando voar para o norte. No entanto, aquele outono em particular foi amaldiçoado pelos ventos furiosos e poderosos, que continuaram forçando a ave a recuar antes que pudesse desaparecer no horizonte. E assim permaneceu por semanas, tentando superar os ventos que varreram as montanhas Baikal naquele ano. Seu corpo era jogado pelas forças da natureza para frente e para trás, repetidas vezes, enquanto seus grasnados desesperados tornavam-se uma fonte de angústia para todos os aldeões da região.

Eles podiam entender sua dor. Eles também podiam imaginar o que estaria passando pelo coração da gaivota. E, no entanto, havia muitos peixes no Lago Sagrado, e ela não precisava competir com nenhuma outra criatura por comida. Mas os aldeões se colocaram na pele da gaivota e pensaram nas lamentações em seus corações que chegariam ao céu se, por acaso do destino, fossem obrigados a viver em um ambiente que lhes era estranho.

Finalmente, um dia, a rara gaivota decidiu fazer sua última tentativa desesperada de voltar para casa, para seus entes queridos. Elevando-se ao céu, tentou com todo o seu coração e alma superar os ventos furiosos que a impediam de retornar para seu lar. Obrigou suas asas a voar até esgotar suas forças, gritando com um misto de fúria e tristeza, de raiva e desespero, como nunca havia feito antes...

E naquele momento Shono, com o coração partido, saiu de sua iurta com seu arco de caça e, mirando na bela ave, atirou uma flecha. A flecha,

fugaz e certa, acertou o coração da gaivota.

De repente, o silêncio caiu sobre o Lago Sagrado e muitos viram a gaivota cair do céu, sem vida como uma pedra.

Shono caminhou até o local onde a gaivota havia caído, seus olhos marejados de lágrimas. Quando ele a viu, ele não pôde deixar de soltar um gemido de dor. Suas penas brancas estavam manchadas com o vermelho profundo de seu sangue, a gaivota jazia morta com os olhos abertos, olhos nos quais ele podia ver as lágrimas de desespero que haviam dominado a ave em seu último esforço para voar contra o vento.

Chorando como uma criança, cobrindo o rosto com as mãos calejadas que haviam tirado tantas vidas para se alimentar, Shono lamentou no fundo de sua alma ter matado a rara gaivota.

"Eu deveria ter deixado você concluir sua última tentativa de voar para casa", disse ele a ave em um sussurro. "Você tinha o direito de voar até que todas as suas forças a abandonassem... mas me doía muito te ouvir!"

Ele se sentou no chão ao lado da gaivota por um longo tempo, olhando para ela, os olhos cheios de lágrimas, sentindo a dor que a rara ave sentia, desde que a tempestade a conduzira para o Baikal.

Depois de muito tempo, imerso na tristeza e na beleza triste da ave morta, uma ideia brilhou na mente de Shono: e se ele a levasse para a milagrosa fonte termal que não ficava longe dali nas margens do Lago Sagrado? Os xamãs disseram que as águas da nascente viham do Oceano Ártico, mas eram aquecidas ao mergulharem profundamente no subsolo, antes de emergirem no Lago Baikal.

E se o cheiro do salitre do Ártico pudesse trazer a rara gaivota de volta do outro mundo para onde ele mesmo a enviou com sua flecha?

Shono de um pulo, puxou a flecha do peito da ave sem vida e, pegando-a nos braços, carregou-a para o barco, soltou as amarras e remou com toda a força até a nascente milagrosa. Uma vez lá, encheu sua tigela com água e derramou sobre a cabeça da pobre gaivota com muito cuidado, como se fosse uma mãe lavando o rosto de seu bebê recém-nascido...

'Oh, Esege Malan!' Shono murmurou entre seus lábios, invocando o deus criador dos Buryats. 'Eu te chamo. Venha das estrelas irmãs e da lua e traga a Rara Gaivota de volta à vida, para que ela possa voltar para sua

casa no gelo distante.'

Lágrimas escorriam mais uma vez pelas bochechas de Shono castigadas pelo tempo quando, de repente, ele pensou ter visto a cabeça do pássaro se mover levemente. E, sem ter tempo para que percebesse o que estava acontecendo, a gaivota se mexeu em seus braços e depois voou diante de seus olhos atônitos, retornando aos céus como se nada tivesse acontecido.

Shono começou a rir como se tomado por um ataque de loucura. Suas lágrimas se transformaram no choro alegre de uma criança ao ver a Rara Gaivota subir ao céu, mais forte do que nunca, e finalmente superar a fúria dos ventos e voar para o norte, desaparecendo para sempre no horizonte.

A Rara Gaivota nunca mais voltou e, embora ninguém pudesse ter certeza, todos que viviam perto do Lago Sagrado queriam acreditar que ela finalmente havia retornado para casa, que estava feliz novamente em seu mar gelado com seu bando e seus entes queridos. Todos queriam acreditar que nunca mais havia grasnado com aquela profunda tristeza que ferira a alma de todas as gentes da região. □

Adaptado por Grian A. Cutanda (2022).

Sob licença Creative Commons CC BY-NC-AS 

Comentários

O Lago Baikal é o maior reservatório de água doce de superfície do mundo, o lago mais profundo e antigo da Terra, com idade estimada em 25 milhões de anos. É também um tesouro de biodiversidade, abrigando cerca de 1.700 espécies indígenas de plantas e animais em suas águas e em suas margens (Mitiaen, 2008). Talvez isso se deva à visão de mundo do povo Buryat, para quem o Lago Baikal é seu dalai, seu 'mar', um mar que consideram sagrado.

As crenças tradicionais dos buryats levaram-nos desde a antiguidade à sacralização da natureza, com uma abordagem animista amplamente alimentada pelo xamanismo siberiano, o tengerismo. Já discutimos essa

abordagem espiritual em duas histórias no Volume 1 desta Coleção. Este culto da natureza, decorrente da ancestral vida nômade dos Buryats, tornou-os muito conscientes da fragilidade do equilíbrio dos ecossistemas e conduziu-os a uma relação especial com as espécies restantes (Dugarova, 2013).

Temos um exemplo disso no culto ao urso, que consideram o mais forte dos xamãs. Diz-se que, quando os xamãs Buryat escolhem cascas de árvores para seus rituais, eles preferem aquelas com arranhões de urso. As árvores arranhadas por um urso são chamadas de baabgain ongolhon modon, que significa “árvore consagrada pelo urso”. Tal como acontece com outros povos siberianos e mesmo com o povo Sami na Escandinávia (ver a história 'A Lenda de Bonki' no Volume 1 desta Coleção), a sacralidade do urso não estava, no passado, em desacordo com a sua caça, embora sempre tenha sido uma caçada ritual.

Antes de partir para uma caçada do 'Mestre da Taiga', como era chamado, os Buryats perguntavam ao espírito (burkhan): 'Nandikan, permita-nos pegar o urso, não o próprio Mestre, mas um urso comum'. Da mesma forma, depois de matar o animal, eles pediam perdão e realizavam uma série de ritos para o sepultamento de seus restos mortais. Eles acreditavam que o urso não morria para sempre, mas que seu espírito permaneceria na floresta por um tempo até entrar no corpo de outro urso. Eles acreditavam que o equilíbrio natural seria mantido dessa maneira (Key to Baikal, 2018).

Essa visão de mundo dos Buryat, que não é de forma alguma especificista, é exemplificada pelo nome dado ao urso na língua Buryat, babagai, que é uma combinação dos termos baabai, ‘ancestral’, e abgai, ‘irmão’. De fato, babagai também é usado para descrever parentes idosos, vivos ou falecidos (Key to Baikal, 2018).

Infelizmente, esta visão de mundo não é compartilhada pelo sistema político e econômico da Federação Russa, como em tantos outros lugares neste mundo industrializado. Nas últimas décadas, a investida do “progresso” está submetendo os ecossistemas do lago sagrado dos Buryats, o Lago Baikal, a uma grave degradação. Estima-se que as emissões totais de poluentes das usinas de energia existentes no território natural de Baikal cheguem a 280-300 mil toneladas por ano. Isso é comparável e até superior às emissões anuais de alguns países europeus (Maysyuk, 2019). Não apenas isso, mas entre essas instalações

está uma perigosa usina de enriquecimento de urânio (Dolgov, 2015).

Nossos mais sinceros agradecimentos a Martí Plà, aluno do Mestrado em Cultura da Paz da Universidade de Granada, por seu magnífico trabalho de pesquisa e seleção de histórias siberianas para a Coleção, e por sua documentação adicional e contextualização para esses comentários.

Fontes

Dolgov, A. (2015 October 7). Radioactive-waste processing plant endangers Russia's Lake Baikal. *The Moscow Times*. Available on <https://www.themoscowtimes.com/2015/10/07/radioactive-waste-processing-plant-endangers-russias-lake-baikal-a50114>

Dugarova, E. (2013). Buryatia: a symbol of Eurasia in the heartland of Baikal. *UN Special*, 724 (January, 2013), pp. 26-27.

Key to Baikal (2018 December 23). The master of the taiga: The cult of the bear among the indigenous peoples of Siberia. *Key to Baikal*. Available on <https://1baikal.ru/en/istoriya/khozyain-taygi-kult-medvedya-u-sibirskikh-korennykh-narodov>

Maysyuk, E. (2019). Energy sector of the Baikal natural territory in terms of impact assessment on the ecosystem of Lake Baikal. *International Scientific Journal 'Security & Future'*, 3(2), 59-62.

Mitiaen, V. (2008 May 2). Saving the sacred sea: Russian nuclear plant threatens ancient lake. *New Internationalist*. Available on <https://newint.org/columns/currents/2008/05/01/environment/>

Ontokhoshin (2018 July 10). An unusual seagull: A sad fairy tale with a happy ending. *Key to Baikal*. Available on <https://1baikal.ru/en/istoriya/chayka-neobychayka-grustnaya-skazka-s-kheppi-edom>

Texto associado à Carta da Terra

Princípio 2: Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.

Outras passagens que esta história ilustra

Princípio 15: Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.

